



No Xingu, em 1978, quando Rubens ainda estudava medicina.

O primeiro aniversário da morte do médico que queria ser índio

Nesta edição, Voz da Terra presta uma oportuna homenagem a um jovem que viveu apenas 30 anos, e que fez de sua curta vida um reluzente exemplo de amor e respeito. Era médico. Morou em Assis, onde frequentou o pré-primário, o 1º ano primário, parte do ginásio e do colegial. Seu nome era Rubens Belluzzo Brando. Alguns dos muitos amigos dizem que, quando garoto, ele queria ser índio. Depois de formado, não abandonou de todo essa fantasia e afundou-se pelas matas do Amazonas para vacinar e curar as desamparadas populações indígenas.

Amanhã faz um ano que Rubão faleceu, vítima de um brutal acidente quando retornava de mais uma campanha de vacinação entre os índios Yanomami, na fronteira com a Venezuela. Agora, passado um ano, outro médico, José Norton, vereador, presta significativa homenagem ao doutor Rubens Brando, dando seu nome à uma rua na Vila Aeroporto. Aliás, neste ano que passou, muitas homenagens foram dedicadas a ele. Sua eficiência profissional, seu respeito inflexível e permanente pelos costumes e pelas tradições indígenas fizeram desse jovem médico um homem respeitado e amado pelos antropólogos e indigenistas do Brasil e de outras nações, como se verá na reportagem da página 4.

